

UM PROJETO DE FORMAÇÃO DE LEITORES NAS PÁGINAS DE REVISTAS PERIÓDICAS

Valdir Heitor Barzotto *

RESUMO: *Este trabalho visa indicar a possibilidade de se estabelecer uma reflexão sobre o constante trabalho da mídia para tornar de uso mais amplo alguns recursos lingüísticos pertencentes a grupos específicos de falantes. Para isso são estudadas as estratégias usadas na veiculação desses recursos. As mais importantes são a apresentação dos recursos em textos que contêm o que poderíamos chamar de "lições" ou "eventos de letramento" sobre usos de recursos lingüísticos, bem como apreciações sobre eles. A hipótese norteadora dessa investigação é a de que o contato do leitor com textos veiculados pela mídia que apresentam tais estratégias pode causar nele um sentimento de pertencimento ou de não pertencimento a um grupo social, a um tempo considerado na própria revista como sendo adequado ao leitor, ou a uma corrente de pensamento*

PALAVRAS-CHAVE: *leitura; mídia; recursos lingüísticos; atitude lingüística; revistas periódicas.*

No intuito de levantar possibilidades de estudos das estratégias presentes em revistas de ampla circulação, que podem levar à sustentação de um projeto de adequação da língua da língua a um tempo ou uma linha de pensamento considerados apro-

* Universidade de São Paulo – USP. Professor do Programa de Lingüística e Língua Portuguesa da UNESP-Araraquara.

priados aos leitores, iniciei esta investigação já em minha tese de doutorado¹, defendida em 1998, analisando com este propósito alguns números da revista *Realidade* e indicando a existência de estratégias parecidas em outras revistas. Naquele momento, o propósito fundamental de minha pesquisa era o de buscar indícios na composição dos textos e da própria revista os indícios da relação entre o que ali se professava e o projeto estabelecido para o país pelos governos da época – a revista analisada circulou entre 1966 e 1976. Era a idéia de tempo moderno ou simplesmente de moderno que chamava a atenção nas páginas nos textos da revista, o que motivou a escrita de um capítulo, do qual o trabalho que ora apresento é derivado, intitulado *Recursos lingüísticos e tempo moderno - Estudo exploratório sobre a mídia como suporte de um projeto para o Brasil*.

Na continuidade de minhas investigações sobre o tema pareceu mais produtivo considerar que importa menos o significado do termo *moderno* do que o fato de ser constante em revistas desta natureza, e na mídia em geral, a definição de um tempo considerado adequado ao leitor, que precisaria cumprir com um conjunto de regras de comportamento e de consumo para integrar-se a ele.

Parece-me bastante importante estudar a participação das revistas periódicas num quadro de representações do que seja a sociedade que lhe é contemporânea, pois surge daí a possibilidade de se investigar empenho de veículos da mídia na produção de uma representação de língua considerada apropriada ao momento histórico em que está inserida, a qual precisaria ser fornecida ao leitor.

Apenas com o intuito de demonstrar a pertinência de uma investigação como essa, retomo aqui a análise de um texto publica-

¹ BARZOTTO, V. H. - *Leitura de Revistas Periódicas: forma, texto e discurso. Um estudo sobre a revista Realidade (1966-1976)*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 1998.

do na revista *Realidade* e indico possibilidades de exploração de outros de natureza e com objetivos parecidos.

Trata-se de uma reportagem intitulada “*Vejam quem chegou de repente*”, veiculada no n°. 2, da revista, publicada em Maio de 1966, com início nas páginas 72/73, sobre o então iniciante cantor Roberto Carlos, que chamava a atenção para aspectos do seu estilo considerados polêmicos na época.

Como exemplos de procedimentos parecidos, indico duas outras revistas: *Querida*, n°. 23, Ed. Globo, julho de 1991; e *Pais & Filhos*, n°. 321, Bloch Editores, julho de 1995.

Como parte da análise, destaco também a importância em se verificar as relações que podem ser estabelecidas entre diferentes textos que aparecem numa mesma revista em função da textualização dos recursos lingüísticos, da composição do veículo e da imagem condizente de leitor, pois acredito que estes procedimentos consistem em um esforço por parte da revista para promover um exercício de letramento do leitor.

1. O Discurso público sobre a língua veiculado na mídia e seus propósitos educativos

Entre os elementos considerados polêmicos da *Jovem Guarda*, está o que no texto da revista é chamado de “*linguagem de Roberto Carlos e seus seguidores*”, usada no programa de televisão que o cantor comandava, intitulado “*Jovem Guarda*”, em algumas de suas músicas e pelo grupo que o cercava ou compunha seu auditório.

Escolho esse texto como ponto de partida porque ele veicula, ao mesmo tempo em que ajuda a construir, um “*discurso público sobre a língua*” que, segundo Schlieben-Lange (1993:95):

contém principalmente avaliações, isto é, julgamentos sobre “bom” e “feio”, “bom” e “ruim”, “eficiente” etc. Mas também contém elementos do saber, como por exemplo sobre a distribuição

das línguas no tempo e no espaço (por exemplo, 'cada vila tem um dialeto diferente'), sobre as situações e tipos de textos, para os quais uma ou outra língua (ou forma lingüística) é adequada."²

A veiculação desse discurso se faz a partir de uma representação do que sejam os recursos lingüísticos que aparecem, ou devem aparecer, na fala de um grupo de jovens, ou pessoas em geral, que queiram ser identificados como modernos.

A polêmica que girava em torno da *Jovem Guarda*, ou *ié-ié-ié brasileiro*, é apresentada usando-se como estratégia a reprodução de trechos de falas atribuídos a pessoas diferentes, que teriam assistido ao programa ou ouvido suas músicas. Essas pessoas são bem caracterizadas enquanto representantes institucionais³, chegando quase ao estereótipo.

Os trechos reproduzidos apresentam claramente julgamentos feitos sobre os recursos lingüísticos usados pelo grupo. Além disso, todo o texto mostra-se interessante para se observar os "elementos do saber" presentes no "discurso público" sobre esses recursos.

Julgamentos sobre termos e expressões usados pelo cantor recaem, embora às vezes indiretamente, sobre a língua, contribuindo assim para a construção de um senso comum sobre o que seja a língua apropriada para o tempo em que a revista circula, considerado apropriado ao leitor, neste caso nomeado freqüentemente nos

² Ao final deste trecho a autora remete para a seguinte nota, na página 109: "4 - A distinção que introduzo aqui tem a ver com a distinção entre 'corrección' e 'exemplaridad' que Coseriu introduz para o discurso normativo no seu trabalho *La Corrección Idiomática*, publicado parcialmente em língua alemã em 1988".

³ As pessoas citadas são praticamente representantes de alguns Aparelhos Ideológicos do Estado, como apresenta ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado in Aparelhos Ideológicos de Estado - Nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado*. Graal.

textos publicados na revista *Realidade* como moderno. Também os julgamentos emitidos diretamente sobre os componentes da chamada Jovem Guarda contribuem para formar posições favoráveis ou não com relação ao grupo.

A escolha deste texto se deu porque através dela pode-se ter acesso, de maneira bastante clara, ao que Schlieben-Lange chama de “*discurso público’ sobre a língua*”. O texto permite, portanto, o estudo sobre julgamentos feitos sobre alguns recursos lingüísticos que indiciam a construção de uma representação sobre a língua que melhor se coadunaria com a idéia de tempo considerado apropriado ao leitor. Vencendo uma imagem favorável, seus aspectos polêmicos encontrarão um ambiente mais promissor para integrar o universo dos leitores da revista.

Embora sejam vários, dois aspectos complementares parecem merecer destaque no aparente debate estabelecido no texto: aprovando-se a roupa, as músicas ou o que falam, ensina-se o uso de recursos lingüísticos apropriados ao tempo do leitor e da revista; disso depende a aceitação e o consumo dos dois produtos culturais o movimento Jovem Guarda e a revista.

Após a análise do texto sobre a Jovem-Guarda, procuro, na mesma revista, outros espaços em que o projeto de uniformização possa ser verificado; seja pela utilização de recursos lingüísticos em textos da revista que não tratam especificamente de língua, seja por sua apresentação vinculada à idéia de modernidade, ou ainda, por um referendo à Jovem Guarda como sinal de atualização.

Para a questão que levanto, a de que os julgamentos apresentados sobre alguns recursos lingüísticos contribuem para produzir uma determinada representação do que seja a língua a ser usada de forma compatível com a idéia de tempo moderno, julgo pertinente verificar como a mídia lança mão de autoridades, previamente reconhecidas com tal, ou constituindo-as como tal no texto dado a ler, e construindo assim a sua própria autoridade, para falar de recursos lingüísticos sem recorrer explicitamente a especialistas.

No texto sobre a Jovem Guarda é bastante clara a descrição das instituições a que pertencem as pessoas a quem são atribuídos os trechos transcritos, assim como são claros os julgamentos feitos sobre alguns recursos lingüísticos.

Embora o material seja excelente para estudar a expressão de “*um saber sobre a língua*” por falantes não especialistas, mas constituídos como integrantes, ou mesmo representantes, de comunidades e instituições em que se pode opinar sobre a língua usada, não é este o ponto que me interessa. Deste lugar de poder a que são erigidos, e enquanto falantes, eles podem, de acordo com Schlieben-Lange (1993:94): a) dizer quais elementos pertencem ou não à língua; b) dizer quais elementos são antigos ou novos; c) identificar as variantes; d) dizer com quem e em que situações se comunicaram com sucesso; e) quem fala a sua língua.

Não é uma categorização da expressão deste saber que me interessa, mas as estratégias usadas na constituição de um discurso uniformizador sobre os recursos lingüísticos do momento e explicitar seu propósito de ensinar, contribuindo para o “letramento” dos leitores.

Vejamos, então, como são apresentados os julgamentos e as pessoas a quem são atribuídos.

2. Os recursos da reportagem

Primeiramente, destaco abaixo a reprodução de trechos de falas atribuídos a entrevistados e, posteriormente, procuro verificar como esses recursos lingüísticos vão sendo informados ao leitor, ao mesmo tempo em que vão sendo inseridos no texto da revista.

Entrevistado 1 (E1) - Professora Corinta Acioly, diretora de um dos colégios mais importantes de São Paulo.

“ - A primeira vez que assisti ao programa de Roberto Carlos na TV, fiquei um tanto chocada: os gestos pouco elegantes, os cabelos... Mas depois, ouvindo as crianças cantar suas canções, percebi que as palavras usadas são bonitas, meigas e não têm nada de pernicioso para os jovens. Claro, os cabelos ficariam melhor um pouco mais curtos.” (p.73)

A escolha de uma professora, com cargo de diretora em um dos colégios mais importantes, geograficamente bem situada, “São Paulo”, e, portanto, membro de uma comunidade que argumenta sobre a língua (os professores), e ao mesmo tempo representante de uma instituição onde se argumenta sobre a língua (a escola), e que faz julgamentos sobre as palavras usadas, “bonitas, meigas” e ‘não perniciosas’, revela um pouco da estratégia usada pela revista para constituir autoridades para falar da língua, assim como uma tomada de posição favorável por parte da revista.

Mesmo opinando negativamente sobre “os gestos pouco elegantes...”, o julgamento positivo, expresso em “as palavras usadas são bonitas, meigas e não têm nada de pernicioso para os jovens.”, pode ser suficiente para aprovar a propagação da ‘língua’ usada pelo grupo.

E2 - Estudante carioca, de 13 anos:

“- Pra mim o negócio é que tudo o mais vá pro inferno. Acho que o Roberto Carlos é mesmo legal! E a roupa que ele usa, um estouro!” (p.73)

A construção da autoridade do entrevistado para emitir uma opinião a ser levada a sério vem sustentada pela sua inserção em uma instituição escolar, pela sua idade e pela localidade em que habita, o Rio de Janeiro. Esse tripé sustenta o poder para manifestar seus julgamentos: pertence à comunidade escolar, de onde o conhecimento emana; pertence à geração que goza do privilégio de ser, de modo mais pertinente, integrante do tempo chamado de mo-

dermo, e habita o Rio de Janeiro, ex-capital, capital cultural, e tantos outros qualificativos que a história e o poder econômico legaram.

É desse lugar de poder que apresenta atitude favorável ao cantor, à sua roupa e ao seu vocabulário, incorporando mesmo à sua fala expressões e palavras típicas atribuídas à Jovem Guarda.

E3 - Juiz de menores

“- Vi vários programas de televisão com Roberto Carlos e, pessoalmente, gostei.” (p.73)

Integrante do poder judiciário, o juiz é apresentado como alguém que viu “*vários programas de televisão com Roberto Carlos*”. Sua autoridade é constituída no texto calcada em dois fatores: por ofício e por conhecer o objeto de sua fala. O poder de julgamento expresso pelo trecho de fala deste entrevistado escolhido para compor o texto da revista está situado acima de restrições quanto ao espaço geográfico ou ao tempo. Não aparece a região a que pertence, nem sua idade. Enquanto profissional da justiça, seu julgamento não passaria por estas determinações.

A região explicitada é outra, é do campo do saber. Trata-se de um *juiz de menores*, o que amplia seu poder para falar, uma vez que o faz um conhecedor do jovem. Portanto, ele não só está posto no texto como alguém que conhece o programa sobre o qual fala, como também o público a que este se destina.

Seu julgamento positivo, embora pessoal, sustenta-se nesses dois lugares de poder e pode incidir tanto sobre o modo de vestir como de falar, uma vez que recai sobre o programa como um todo.

E4 - Vigário

“- *Ouvi algumas canções do ié-ié-ié e, apesar da gíria, achei boas. Mas levei um choque quando soube do título de uma de-*



las - Que tudo o mais vá para o inferno. Imagine se a mocidade tôda começa a cantar isso!" (p.74)

Como representante de uma instituição religiosa - a Igreja Católica - este entrevistado cumpre seu papel de censor moral e dogmático, reprovando o uso de gírias e o título de uma das canções. São críticas, entretanto, esperadas de alguém em sua posição. Mesmo assim, há em seu depoimento uma avaliação positiva sobre as canções, "*achei boas*", o que acaba contribuindo para a construção de uma imagem positiva das mesmas, dando sustentação para a prosperidade do estilo.

A exemplo do Juiz de menores, também não aparece idade ou localização deste entrevistado. A fala do interior da fé católica implica atemporalidade e universalidade.

E5 - Professora, esposa, mãe:

"- Eu não sei... Os meninos (um de 5, outro de 3 anos) ficam alucinados. O maior gosta mais de Erasmo, diz que é mais boa pinta. O meu marido acha a influência saudável"

Embora apresente dúvida a princípio, a entrevistada ancora-se nas falas do filho e do marido, atestando o gosto pessoal do primeiro, que inclusive incorpora uma expressão típica da Jovem Guarda, e a posição favorável do segundo.

A entrevistada não só é apresentada como membro das instituições escola e família, como ilustra com sua própria fala a representação efetiva dessa última, funcionando como porta-voz das posições assumidas pelo filho e pelo marido.

Esses depoimentos podem ser estratégicos para a naturalização dos recursos lingüísticos atribuídos à Jovem Guarda. Dois fortes componentes concorrem para isso. Por um lado, o trabalho de constituição de autoridades autorizadas a falar sobre aspectos polêmicos é calcado na escolha de membros da comunidade que possam representar instituições em que se argumenta em favor de saberes,

inclusive sobre a língua. Por outro lado, as críticas feitas pelos entrevistados, por não fugirem ao que se espera de alguém na sua posição, tornam-se praticamente sem efeito. Suas críticas não inviabilizam o convívio entre os valores que representam e aqueles que criticam.

Ao tecerem considerações sobre “*educação e propaganda*”, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1988:68), oferecem importante contribuição para a compreensão do papel dos entrevistados:

“Alors que le propagandiste doit se concilier au préalable, l’audience de son public, l’éducation a été chargée par une communauté de faire le porte-parole de valeurs reconnues par elle et, comme tel, il jouit d’un prestige dû à ses fonctions.

“Or un instant de réflexion suffit pour constater que, à ce point de vue, l’orateur du discours épideictique est très proche de l’éducateur. Comme ce qu’il va dire ne suscite pas de controverse, qu’un intérêt pratique immédiat n’y est jamais engagé, qu’il ne s’agit pas de défendre ou d’attaquer, mais de promouvoir des valeurs qui sont l’objet d’une communion sociale, l’orateur, s’il est par avance assuré de la bonne volonté de son auditoire, doit pourtant posséder un prestige reconnu. Dans l’épideictique, plus que dans n’importe quel autre genre oratoire, il faut, pour ne pas être ridicule, avoir des titres à prendre la parole et ne pas être malhabile dans son usage. Ce n’est plus, en effet, sa propre cause ni son propre point de vue, que l’on défend, mais celui de tout l’auditoire: on est, pour ainsi dire, l’éducateur de celui-ci, et s’il est nécessaire de jouir d’un prestige, à l’aide de sa propre autorité, les valeurs que l’on soutient.”

A legitimidade do uso de alguns recursos lingüísticos considerados próprios à inserção dos falantes numa concepção de tempo tida como adequada a eles, é proposta aos leitores da revista de todo o país através da apresentação de julgamentos feitos por pessoas cuja autorização “*à prendre le parole*” para falar sobre eles, como se fosse em nome de uma instituição, é construída na própria revista. Além disso, ter espaço na mídia para falar, ainda que na condição

de entrevistado, já implica estar em um lugar de poder em relação aos leitores.

Na mesma direção, Bourdieu (1982:107), contribui para a reflexão sobre os lugares de poder a partir dos quais se tem autorização para fazer uso da palavra:

“En fait, l’usage du langage, c’est-à-dire aussi bien la manière que la matière du discours, dépend de la position sociale du lecteur qui commande l’accès qu’il peut avoir à la langue de l’institution, à la parole officielle, orthodoxe, légitime.”

Estudar esse trabalho da mídia tem sua importância para buscar uma compreensão dos cominhos por onde passariam a incorporação de novos elementos à língua e de noções sobre ela e a sociedade; ou seja, neste caso, os textos publicados na revista *Realidade*, iam fomentando a idéia de que para estar adequado a seu tempo, traduzido por *ser moderno*, o leitor necessitava acompanhar as modificações que ocorriam, não só do que se pode ou não falar, mas também do modo de falar.

Trata-se de um projeto de formação do leitor assumido pela mídia. O fato de haver membros de instituições autorizadas a expressar julgamentos, que emitem juízos favoráveis aos usos daqueles recursos lingüísticos funciona como aval para quem quiser começar a usá-los. Já em 1957, Merton-Lazarsfeld (apud Bosi, 1996:35) chamava a atenção para a *“atribuição de status a um indivíduo, ou legitimação desse prestígio. Pessoas ‘importantes’ aparecem na TV para endossar o conteúdo da propaganda ou a veracidade da notícia transmitida.”*

Embora as modificações em curso possam se verificar passageiras, insiste-se na construção de uma espécie de moda, que identifica os grupos atualizados, ‘sintonizados’ (hoje ‘plugados’) com seu tempo. A idéia de letramento traz também a idéia de adequação ao tempo e às exigências contemporâneas ao leitor.

2.1 Os modos de usar: regras de etiqueta ou uma educação para o social?

Além da apresentação de julgamentos favoráveis, expressos pela reprodução dos depoimentos atribuídos às pessoas pertencentes a diferentes instituições, o que pode criar o efeito de que representam efetivamente a posição das instituições, o próprio texto apresenta-se favorável ao grupo, chegando a instruir os leitores sobre uma espécie de lugar de origem do uso das suas palavras e expressões.

“Antes de cantar ou apresentar um dos artistas do programa Jovem Guarda, Roberto Carlos sempre solta a frase que hoje é repetida em todo canto: ‘É uma brasa, moral!’” (p:76)

Considerando-se que no ano de 1966 não havia o mesmo número de aparelhos de televisão que hoje, fornecendo informações desta natureza, pode-se atribuir parte da função da revista a uma espécie de complementaridade daquele veículo.

Mais adiante, são delineados espaços do cotidiano, precisando mais o que no trecho anterior foi referido como “*todo canto*”, nos quais esses recursos lingüísticos já estariam sendo empregados, incluindo os tipos de textos e a maneira como aparecem:

“Na própria televisão, as lojas anunciam: ‘Está uma brasa a nossa liquidação’. O colunista social Tavares Miranda adotou a frase: ‘Quando Hélio Muniz sorri, é uma brasa.’ O anúncio da nova peça de Dercy Gonçalves, diz ‘Cocó, My Darling, hoje, mora, é uma brasa’. Uma churrascaria no centro de São Paulo escreveu na vitrina: ‘Aqui o churrasco é feito na brasa, moral!’ E a TV Record usou em tom de piada o slogan: ‘Brasorum est, moratibus.’” (p.76)

Esta estratégia de indicação do lugar onde se usam as expressões da Jovem Guarda (televisão, jornal, lojas, teatro, churrascaria, centro de São Paulo) funciona como uma espécie de manual de eti-

queta, que mostra onde e quando se pode e se deve usar tal vocabulário sem cometer 'gafes', incitando o leitor a empregá-lo, já que muitos empregam, apelando para um recurso básico da propaganda que é a persuasão pela oferta da possibilidade de integrar o leitor a um grupo. Nesse grupo, seria uma 'gafe' não saber usar. No entanto, a variedade de lugares em que se pode usar vai acabar por generalizar o uso.

É importante notar que a localização geográfica (Rio-São Paulo) também desempenha papel importante na autorização do emprego. Essas indicações promovem, junto aos leitores, os lugares de inclusão, lugares que ele deve freqüentar, adotando o estilo adequado para tornar-se interessante a seu tempo.

Por outro lado, embora uma parcela de possíveis leitores, já esteja, *a priori*, posta de fora desse circuito - já que, pertencendo a outros grupos sociais, estariam impedidos de freqüentar tais lugares - suas fantasias podem ser mobilizadas pela propaganda, provocando sua identificação, mesmo que não desfrutem o *status* de seus personagens.

O caráter de instrução parece se consolidar quando um "*Pequeno dicionário da gíria iê-iê-iê.*" é fornecido ao leitor, oportunizando a compreensão e o emprego desse vocabulário, configurando mais um "evento de letramento".

"A linguagem de Roberto Carlos e seus seguidores modifica o sentido das palavras antigas e traz outras, novas, que são usadas tanto nos shows como na conversação diária da juventude. O artigo também é usado para dar ênfase à opinião. Por exemplo: 'aquele é o carro'; 'Sofia é a mulher.'

Aqui estão as palavras principais:" (p.79) (Segue-se a esta introdução a exposição de 24 itens - palavras e expressões - com o significado ao lado.)

Da apresentação do glossário, parece importante destacar dois movimentos fundamentais para a constituição de sentidos: um, localizado no tempo, indo de "*palavras antigas*" a "*novas*", passando

pela modificação de seus sentidos ou pela sua recriação; outro, no espaço, saindo dos “shows” para a “conversa diária”.

Na parte que segue procuro verificar como tais movimentos ocorrem nos textos, considerando como a linguagem do ié-ié-ié é empregada nos textos de diferentes exemplares da revista e como se relacionam com outros textos dentro de um mesmo exemplar ou com outros exemplares.

2.2 A mobilidade dos recursos lingüísticos (textualização) e a distribuição dos textos na revista (composição) - propagandas, reportagens e adequação ao tempo

No mesmo n.º. 2 da revista, em que se fala do uso dessa “*linguagem*” em outros tipos de textos e em outros veículos de comunicação, aparece, na página 108, um anúncio de pneus, no qual se usa a expressão “*largar brasa*”; e, na página 110, uma propaganda da TV Record, em que se usa a palavra “*onda*”. Ambas as propagandas já tinham sido publicadas no número 1 da revista, nas páginas 50 e 115, respectivamente. O texto da propaganda de pneus é ilustrativo:

“Com pneus Pirelli v. pode ‘largar brasa’ em qualquer percurso. Ou melhor, em quase todos.”.

A expressão “*largar brasa*”, escrita entre aspas, auxilia a esclarecer a relação estabelecida entre um produto da tecnologia, símbolo de progresso, e os recursos lingüísticos atribuídos ao ié-ié-ié brasileiro.

Pode-se identificar no texto dessa propaganda que traz a expressão “*largar brasa*” vinculada a pneus, logo, a carro, símbolo de progresso, de avanço no tempo ou de ascensão social, a seguinte proposição: se você possui um instrumento cunhado a partir da tecnologia para se deslocar no espaço e usa uma linguagem apropri-

ada aos tempos modernos, então você se deslocou também no tempo, você avançou, está 'por dentro' do seu tempo, você é moderno.

São, no mínimo, dois produtos divulgados como símbolos de modernidade: o carro, por metonímia, e o conjunto de recursos lingüísticos (e por que não a língua, também por metonímia?) atribuídos à Jovem Guarda. Nessa propaganda em que se recomenda o uso de pneus, os dois outros produtos são vinculados, o carro como um todo e os recursos lingüísticos.

Logo, no mesmo exemplar em que os leitores são informados em quais outros textos e locais está se tornando 'normal' empregar este tipo de recurso lingüístico, a propaganda de pneus serve de ilustração, ao mesmo tempo em que amplia o número de produtos a que esses recursos lingüísticos estão sendo vinculados. No texto as referências eram feitas à loja, peça de teatro e churrascaria.

Na p. 108, do nº. 2, está publicada uma propaganda da TV Record, que foi publicada também no nº. 1 da revista, p. 115. Ela intercalava as páginas que traziam uma entrevista com a atriz sueca Ingrid Thulin, cujas posições configuravam o perfil de uma mulher moderna.

"A 'onda' da TV Record não é curta, nem média, nem longa. É a maior. Canal 7 TV Record."

A expressão "*é a maior onda*", que colabora para compor "o lado moderno da língua" e que poderia ser falada por uma mulher com o perfil da entrevistada, aparece reorganizada nessa propaganda. Considerando-se a TV como meio de comunicação de massa representante do progresso e da modernidade, ao qual a revista se alia, e o rádio como meio de comunicação de massa mais antigo, e mesmo ultrapassado, podemos ver nessa propaganda uma tentativa de sobreposição da primeira ao segundo. Enquanto o rádio tem ondas médias, curtas e longas; a televisão, mais moderna, tem "*a maior onda*", comportando os significados de 'dimensão' e de 'bom'.

2.3 Outras formas de inserção desses recursos lingüísticos no discurso cotidiano

Além de aparecerem como 'aspectos polêmicos' no texto que tematiza a Jovem Guarda, o que pode contribuir para atrair a atenção dos leitores, ao mesmo tempo em que foram utilizados em propagandas intercalando páginas de textos que preconizam a modernidade, esses recursos lingüísticos são inseridos em falas atribuídas a entrevistados, agora sem a preocupação de apresentar uma discussão sobre eles ou simplesmente são utilizados como atributos de pessoas de quem se fala nos textos da revista.

No nº 5, de Ago/66, no tema "Medicina", há uma reportagem intitulada "*Silêncio: eles estão abrindo um coração*", que descreve do início ao fim uma cirurgia de coração, mas cujos "*nomes dos médicos, das enfermeiras e da paciente são fictícios muito embora a história se baseie em caso real ocorrido em um dos grandes hospitais de São Paulo.*" Nela aparece o seguinte trecho:

*"Matsumoto (...) pouco falava, talvez porque soubesse apenas algumas palavras em português, que misturava constantemente ao castelhano. (...) Só uma vez ele brincara e sorria quando soube do resultado da luta de Eder Jofre no Japão:
- Harada é uma parada, mora!"*

Mais adiante, depois de atestar a autoridade do médico responsável pela cirurgia, através de um reconhecimento da importância do seu trabalho e da sua competência profissional, lê-se o seguinte:

"No táxi, pensava em como interessar seu filho mais novo nos estudos - ele estava dando muita atenção ao ié-ié-ié."

Dois parágrafos abaixo, uma palavra característica do grupo que atraía a atenção de seu filho emerge no texto introduzido por travessão.

“A caminho do hospital, o Professor lembrou-se de que precisa comer. Iria enfrentar uma longa e exaustiva operação - as intervenções no coração duravam de 3 a 6 horas, em média - e ele teria de usar tôdas as suas energias. O melhor era se alimentar. Entrando no hospital, pensou em voz alta, o bom humor já voltando:

- Não sou mais nenhum brotinho!”

As reflexões do médico enquanto pai responsável e profissional sério não apresentam traços de “*bom humor*”. É a palavra “*brotinho*” que, segundo a ótica adotada no texto marca a recuperação do “*bom humor*” perdido na seriedade das preocupações cotidianas. Ao mesmo tempo em que reconhece, através de um termo atribuído à Jovem Guarda, não ser mais jovem o suficiente para suportar “*3 a 6 horas*” sem comer, o uso deste termo atesta sua integração a seu tempo. Se ele não é jovem, pelo menos é atual, ou pelo menos apresenta esta característica típica da modernidade que é a disposição para estar sempre incorporando novos valores, novos produtos, novas atitudes e hábitos. Isso vale também para sua profissão, ele está no topo das novidades em relação à cardiologia.

O equilíbrio apresentado pelo médico é o ingrediente usado pela revista para continuar a promoção destes recursos: “*muita atenção ao ié-ié-ié*”, a ponto de desinteressar-se dos estudos, pode ser problemático para um jovem, mas o uso de um ou outro termo atribuído ao ié-ié-ié por um profissional bem estabelecido não faz mal, aliás, conota jovialidade, “*bom humor*”.

A importância construída para os médicos é usada como suporte para atestar a normalidade do uso de tal “*linguagem*”.

No procedimento de textualização criam-se dois espaços textuais, apresentados acima, em que se tem a presença das “*palavras novas*” entre as “*antigas*”, colocando-as no cotidiano e ilustrando a explicação dada por ocasião da apresentação do glossário.

De qualquer forma, há uma atribuição de aprovação da *linguagem da Jovem Guarda* de maneira generalizada, o que contribui



para naturalizar uma postura favorável aos recursos lingüísticos que a compõem.

3.4 Recursos lingüísticos como tema central - outros exemplos

Para citar exemplos mais recentes desta tentativa de acoplar recursos lingüísticos à idéia de tempo, vejamos rapidamente dois textos publicados nas revistas *Pais e Filhos* e *Querida*, mostrando que a idéia de adequação ao tempo não se diluiu com a mudança de regime político. Tais exemplos são importantes porque indicam a constância desse procedimento.

A revista *Pais e Filhos*, n°. 321, Bloch Editores, Jul/95, traz um artigo intitulado "*Esse jeito jovem de ser... e de falar*", de Andrea Boechat, "*baseado no livro A Fala dos Jovens, de Mônica Rector, ed. Vozes.*", que conclui com a seguinte recomendação, que vem seguida de um glossário com 19 termos que seriam usados pelos jovens dos anos 90:

"É importante, portanto, que as pessoas que lidam com adolescentes, psicólogos, educadores, comunicadores e os próprios pais estejam por dentro desse vocabulário tão singular. Portanto, se você quiser compreender a sua fera, não perca tempo, falô? Senão vai queimar o seu filme!"

Antes de verificar os recursos lingüísticos que configuram o jeito de falar dos jovens na década de noventa, é importante observar que, no trecho acima, a expressão "*por dentro*" já não aparece grifada, como foi o caso nos exemplares de *Realidade* de Nov e Dez/67, quando foi usada em propagandas de cueca. Já os recursos atribuídos aos filhos dos leitores da revista *Pais e Filhos*, tais como *fera* e *queimar o filme*, estão no trecho em que o locutor do texto dirige-se diretamente ao leitor por meio do pronome *você*.

Como já aponte, muda o conjunto de recursos, mas não muda a exigência de uma disposição para a incorporação dos novos elementos.

A revista *Querida*, n°. 23, de julho de 1991, traz um texto sobre a chamada Dance Music, em que consta uma seção de duas páginas com o título de “Código Secreto - Uma linguagem feita de gírias identifica os membros da tribo.”, que inicia com o seguinte trecho:

“Impossível entender um rap, ou uma conversa qualquer no meio do salão, sem conhecer pelo menos um pouquinho da “língua” criada e falada pelo pessoal da dance music. Ela funciona como um “código secreto” e serve para identificar quem é da tribo e quem veio de fora. Por isso, se você está pensando em ir a uma festa dance no próximo fim de semana, é melhor decorar estas palavrinhas aqui. para não bancar o abajur nem ficar de pacote.” (segue-se um glossário com 26 palavras e expressões)

Há momentos nas reportagens em que não aparecem posicionamentos de entrevistados e nem se destinam a falar sobre recursos lingüísticos, mas dos quais se pode depreender um posicionamento sobre eles, através de comentários do locutor. Veja-se o exemplo da revista *Querida*, que mistura a fala do locutor à de uma pessoa constituída como autoridade para falar:

*“Um baile é sempre diferente do outro, uma música nunca soa igual duas vezes. **Mudança constante, que reflete um mundo também em mutação.** E que, segundo o psicoterapeuta Ricardo Maciel Nobrega, combina com o estilo de vida dos jovens. Precisa mais para fazer sucesso?”* (grifo meu)

A frase grifada sintetiza a modernidade tal qual Berman (1996:94), a definiu, e é aqui associada mais uma vez à juventude. O moderno é sempre novo, jovem, o que implica em envelhecer rapidamente, ou sair da moda.

“Para que as pessoas sobrevivam na sociedade moderna, qualquer que seja a sua classe, suas personalidades necessitam assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade. Homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar à mudança: não apenas estar aptos a mudanças em sua vida pessoal e social, mas ir efetivamente em busca das mudanças, procurá-las de maneira ativa, levando-as adiante. Precisam aprender a não lamentar com muita nostalgia as ‘relações fixas, imobilizadas’ de um passado real ou de fantasia, mas a se deliciar na mobilidade, a se empenhar na renovação, a olhar sempre na direção de futuros desenvolvimentos em suas condições de vida e em suas relações com outros seres humanos.”

Conclusão

Os exemplos arrolados até aqui são suficientes para atestar a participação do veículo revista na construção das noções consideradas próprias a seu tempo.

Revistas publicadas nos anos 66, 67, 91, 95, apresentam textos em que as sugestões de vocabulário e expressões estão ligadas à adequação ao tempo e a um espaço. Enquanto o primeiro é mais uniforme, o moderno, o segundo é mais oscilante, podendo variar bastante na dimensão. Estes textos fornecem indicações sobre como, onde e quando usar tais recursos lingüísticos para integrar um grupo que não sofreria de exclusão por uma desatualização com relação a recursos lingüísticos próprios de um certo tempo ou lugar. Isso confirma a possibilidade de rastrear um conjunto de revistas, cruzá-lo com outros meios de comunicação e investigar sobre os jogos que são empreendidos para constituir uma mentalidade, bem como para impor um estilo uniformizante.

É preciso considerar que dois atos são superpostos neste exercício de expressão de julgamentos sobre recursos lingüísticos apresentados ao leitor como próprios ao tempo moderno. Num texto cujos julgamentos aparecem explicitamente, não se pode negligenciar o ato de escolha dos trechos de fala do entrevistado, nem sua descri-

ção. Num texto ou propaganda em que os recursos aparecem empregados, não se pode negligenciar o ato de escolha desses recursos em detrimento de outros. Além disso, há um constante ensinar ao leitor, sejam termos que se pressupõe que ele não conhece, sejam termos destinados a promover um deslocamento da sua posição. Em outras palavras, há ao mesmo tempo a argumentação feita pelos entrevistados e a argumentação feita pela própria revista. Deve-se ainda levar em consideração a organização de todos esses textos na revista: os que contêm os trechos e as informações sobre o uso desses recursos, os que simplesmente os empregam e as propagandas que os contêm.

Basicamente são cinco as estratégias que, usadas pela revista, contribuem para a adoção de elementos, entre eles recursos lingüísticos, considerados condizentes com o tempo em que circula.

- 1 - apresentação de pessoas que autorizam o uso, expressando julgamentos favoráveis a esses recursos.
- 2 - atribuição de seu uso a pessoas que têm um lugar de poder para falar.
- 3 - utilização em propagandas ou em outros textos, vinculando-os a objetos ou valores que se pretende ver adentrar o cotidiano do leitor.
- 4 - didatização feita a partir da idéia de que os centros urbanos, notadamente Rio de Janeiro e São Paulo, como lugares autorizados de expressão da cultura, devem ditar as normas para outros centros.
- 5) - textualização desses recursos e composição da revista feitos de forma que a mobilização de sentidos impingidos por eles extrapolem os limites de um texto, buscando criar um ambiente favorável para que estas expressões passem a integrar a produção cotidiana de textos.

As cinco estratégias permitem definir em quais textos e por quais meios se efetiva o suporte dado pela mídia às noções hegemônicas do momento em que ela se insere.

Não se trata de verificar a permanência ou não de determinados recursos lingüísticos, mas de perceber a constituição de uma mentalidade em que moderno inclui a idéia de integração, consumo e mudança adaptativa ao novo; um novo que não se torna naturalmente velho, mas que envelhece rapidamente diante dos novos objetos disponíveis para o consumo, novos recursos lingüísticos, novas mudanças. O importante é que a mentalidade de moderno, em trânsito contínuo no tempo e espaço, se fixe como modo de ser.

ABSTRACT: *This work proposes to reflect upon the constant work of the media to widen the use of linguistic resources that belong to particular groups of speakers. It will study, to this end, the strategies used in the propagation of these resources. Among the most important strategies is the presentation of such resources in texts that contain what may be called "lessons" or "lettering events" on their use, as well as appraisals on them. The hypothesis that guides this investigation is that the reader's contact with texts that contain such strategies may cause a feeling of belonging or not belonging to a certain social group which is considered, by the magazine itself, as being proper for that reader or for a certain school of thought.*

KEY WORDS: *reading; media; linguistic resources; linguistic attitude; periodic magazines*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERMAN, M. (1996) *Tudo o que é sólido desmancha no ar - A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOSI, E. (1996) *Cultura de massa e cultura popular - leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes.

- BOURDIEU, P. (1982) *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*. Librairie Arthème Fayard.
- PERELMAN, C. ; OLBRECHTS-TYTECA, L. (1988) *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique*. Bruxelles: Editions de L'Université de Bruxelles.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. (1993) (Trad. Fernando Tarallo et. al.) *História do Falar e História da Lingüística*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____. (1996) *Idéologie, révolution et uniformité de la langue*. Ed. Pierre Mardaga.